

Stadium

Uma fase movimentada do grande encontro, que desta vez vencemos! Peyroteo, que andou constantemente vigiado, consegue destruir a oposição dos defesas espanhóis, e a bola passa para um companheiro. No futebol é preciso ter «coração». Peyroteo nunca desiste de lutar.



N.º 217

29 DE JANEIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50



Penizo em luta com Amaro! O jogador espanhol saltou à bola e projecta o golpe de cabeça. Amaro intervirá, no entanto, com êxito, e a ofensiva irá desenvolver-se pelo lado de Araújo, no mesmo estilo de outras verificadas no decorrer da grande partida!

O MAIOR DIA DO FUTEBOL PORTUGUÊS!

A 1.ª vitória de Portugal sobre a Espanha

representa o triunfo do melhor jogo e da melhor equipa

O desafio Portugal-Espanha será sempre uma contenda diferente de todas as outras! Com mais entusiasmo e vibração. E um sabor único. O de domingo passado, especialmente, revestia-se do maior interesse. Havia, da parte dos portugueses, a esperança da vitória (sentia-se a oportunidade!), e do lado espanhol o desejo de não perder ainda desta vez... Ora, cumpriram-se os fados. Portugal venceu a Espanha por 4-1, acrescentando a mais bela folha de louros à sua gloriosa lista de triunfos. Afinal de contas, tudo foi simples, brilhante e conclusivo. Na frase consagrada, vencemos e convencemos, marcando mais bolas e subjugando pela beleza de jogo. Quando se ganha desta maneira, a vitória irradia uma luz tão forte que nem há lugar para a vitória moral ou desculpas na derrota. A verdade é cristalina, e não sofre contestação.

As selecções formaram com a seguinte constituição:

Portugal—Capela, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos e Rogério.

Espanha—Bañon (depois Lezama), Querejeta, Curta, Gonzalvo III, Bertol, Nando, Iriondo, Panizo, Zarra, Cesar e Gainza.

Capitães—Cardoso (Portugal) e Cesar (Espanha).

Árbitro—Wiltshire (inglês).

Juízes de linha—Vieira da Costa (Portugal) e Placido Gonzalez (Espanha).

Dissemos já que a expectativa à volta do encontro era enorme e justificada. Pondo de lado a preparação, física e técnica, devemos

afirmar que, insensivelmente, tínhamos procurado infiltrar no Grupo Nacional a ideia do triunfo, eliminando, tanto quanto possível, o tão apregoado complexo de inferioridade.

Os rapazes entraram no campo na firme decisão de vencerem, e de tal modo a ideia estava arreada no seu espírito, que nem as contingências da partida conseguiram abalar semelhante estado e uma decisão tão firme!

Porque a chamada sorte do jogo não esteve pelo nosso lado. Lembremo-nos que, logo de início, sofremos uma bola—aborrecida... Pois nenhum jogador sucumbiu! Todos cerraram mais os dentes, apertaram o coração, e partiram ao ataque, furiosos, mas sem perderem a lucidez, de modo a, na altura precisa, aplicarem o golpe mortal e ao mesmo tempo triunfante.

Ainda no decorrer da partida, vários remates, com a marca de sem apelação, bateram na trave de cima. A cada golpe de azar parece que os jogadores cresciam, cada vez mais resolutos e mais perfeitos no enquadramento das jogadas.

Houve momentos de pânico nas hostes espanholas. Quando o *team* português atingiu o seu melhor, na segunda parte, o seu adversário dava a impressão de não saber o que fazia. O nosso jogo tinha-os embriagado e eles vagueavam pelo campo sem bússola e de cabeça perdida. No entanto, atravessámos um momento delicado na fase inicial. Ai, nesse período, poderíamos ter sucumbido.

Mas a selecção portuguesa tinha uma forte coesão moral e técnica, e não se deixou bater porque não quis—e querer é poder.

O grupo de Espanha era mais forte do que muita gente pensava. Pela nossa parte, não nos deixámos iludir com o caso madrilenho do Almagro. Primeiro, por não terem lá alinhado seis dos titulares que figuraram no cenário do Jamor; segundo, por ser diferente a disposição dos espanhóis relativamente a um e outro encontro. Bem sabíamos que o perigo advinha principalmente da linha da frente, e de que era possível romper a defensiva espanhola... Todas as unidades integraram-se nos princípios estabelecidos, fazendo ou procurando fazer o que se havia planeado. As coisas saíram certinhas. E a Espanha deixou de ser o país que nunca vencemos, para se transformar no futebol que começamos a vencer...

Não havia ainda um minuto de jogo quando a Espanha marcou a bola que havia de ser o ponto de honra, de remate de Iriondo, e recolhendo uma passagem larga de Gainza.

Segue-se um período de ataque por parte dos espanhóis, vivo e animado, parecendo a nossa defesa um pouco desconjuntada.

Até que os médios de ataque lusitanos entram em acção, e o encontro modifica-se como nos contos de fadas. Passámos à ofensiva. Regista-se um remate de Araújo, de boa marca, e logo a seguir, no aproveitamento de uma avançada pela direita, um grande tiro de Travassos, que a trave devolve para longe. O nosso jogo aperfeiçoa-se, melhora a organização portuguesa, e, daí em diante, não mais deixaremos de ser uma

equipa à altura da situação, isto é, com o adversário no bolso.

A pressão do *team* nacional acentua-se. Os espanhóis esboçam ataques, mas são facilmente desarmados. Pelo contrário, nós progredimos com uma facilidade pasmosa, revelando uma ligação impecável. Mas os *goals* tardam, apesar de se sentir que, de um golpe para outro, eles farão a sua aparição no estádio triunfante.

E aos vinte e três minutos surge o empate. Francisco Ferreira passa a Amaro, e este dá a bola magistralmente a Jesus Correia, que, iludindo um adversário, se interna e despede um remate forte. Bañon não segura o esférico, e o ressalto é aproveitado, com oportunidade, por Araújo, para estabelecer o empate.

Nada mais justo. A equipa nacional vinha a afirmar-se superior, e merecia estar a perder. Animados, os portugueses insistem. Os médios trabalham incansavelmente, e os avançados continuam a atirar às redes.

Os espanhóis, nas suas reacções um pouco individuais, atiram às redes de Capela, mas este defende com serenidade. Veja-se o que fez a um remate de Panizo. Mas os portugueses continuam na ofensiva, e o nosso interior-esquerdo dá ao futebol um ritmo vivo e endiabrado. Bañon vê-se apertado e emprega-se a fundo.

Quando se entra no último quarto de hora, a asa esquerda de Espanha está a combinar razoavelmente, e do seu entendimento resultam lances difíceis para as balizas nacionais. Capela não cede. Nem tampouco os defesas.

Aos 33 minutos, Moreira passa à frente, em recta. Peyroteo desembraça-se de Curta, em finta, e dá muito bem a Araújo, que,

num remate potente, a anicha nas redes.

Por todo o campo perpassa o clamor da vitória! O entusiasmo atinge o paroxismo. Recorta-se nitidamente a primeira vitória portuguesa...

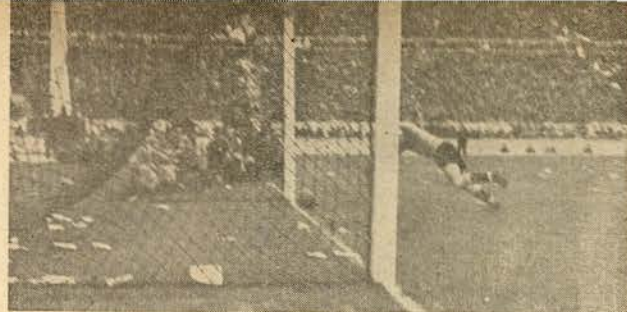
A seguir, numa jogada, Bañon lança-se aos pés de Travassos e fica magoado, sendo substituído por L. zuma. Sabe-se mais tarde ter sofrido fractura da vértebra cervical, o que o impedirá de alinhar durante algum tempo.

O domínio português decresce um pouco. Querijeta persegue Rogério. Travassos lança bem o extremo-esquerdo, várias vezes, mas a bola perde-se. Os espanhóis mudam de directriz, e entram em

Araújo. Jesus está em jogo, e regista-se novo remate do interior-esquerdo nacional, que dá na trave.

Há um momento em que os espanhóis dão a impressão de conseguirem o empate, que, aliás, não seria justo. Zarra, tendo batido Feliciano, prepara-se para rematar, mas nesse instante Moreira sacode-o e salva a situação. E voltamos ao ataque, intervindo todos, mormente os interiores e o avançado-centro.

A bola conserva-se durante algum tempo na grande área da Espanha. Araújo e Travassos trocam passes, acabando este por servir Rogério, que colabora com Araújo; a bola segue do interior



O terceiro goal dos portugueses marcado por Travassos. Lezama ainda conseguirá agarrar a bola — mas para lá do risco...

passa a Travassos, que, num trabalho perfeito e magnífico, conquista o quarto ponto. É o delírio. O público agita lenços brancos e as pessoas gritam e abraçam-se.

O desafio acaba. Os espanhóis começaram bem, mas nós fechámos brilhantemente, com chave de ouro. Ao soar o apito final do árbitro inglês, todos chorámos de alegria.

Pela própria descrição do encontro e da sua marcha, posto que naturalmente incompleta, se adivinha a perfeição do jogo português, a alma e a vontade postas na luta e a maneira abnegada como todos trabalharam.

Passado o período nevrálgico, como que de adaptação, a equipa organ'zou-se firme e impecavelmente. A defesa tapou todos os buracos! Zarra foi objecto de uma vigilância rigorosa, a que era impossível fugir. Gaiña, embora dominasse em alguns golpes, tam-

bém sentiu sempre o adversário à ilharga. Iriondo, na segunda parte, nada pôde fazer contra a energia indomável desse homem que se chama Francisco Ferreira.

Os médios de ataque cumpriram modelarmente a sua missão, e em qualquer deles houve também a imposição da força muscular nos seus justos limites.

Eles variaram soberbamente os golpes, não esquecendo o avançado-centro, em jogadas lineares, nem sequer os extremos. De notável, porém, a sua ligação com os interiores, e notável de lado a lado; se as passagens foram bem apetrechadas pelos médios, também os interiores as recolheram primorosamente.

Através da medida já dada em anteriores encontros de importância pela organização defensiva, a nossa opinião estava solidamente formada, e, portanto, não nos causou admiração o seu belo e sólido trabalho.

(Continua na página 8)

Stadium

No número de 12 de Fevereiro publicamos em separata a cores a equipa nacional vencedora do XIX desafio Portugal-Espanha.

Dirija os seus pedidos à nossa Administração.

acção com Iriondo. Tanto faz! No lado espanhol, Gonzalvo empurra o ataque, sem resultados práticos. No entanto, o intervalo chega depois de se verificarem remates perigosos dos nossos dianteiros, de Rogério, de Travassos, de Jesus Correia e de Peyroteo, que encontram sempre o corpo do adversário.

Sopra fraco o vento também na segunda parte. O team de Portugal mostra, imediatamente, a disposição em que se encontra: tendência para subir e não para descer. E começa a grande e bela fase de pressão dos portugueses. O nosso team cresce de momento para momento, mas isso não chega — visto haver a necessidade de confirmar o triunfo.

Jogamos indiferentemente pelas duas asas, numa variedade surpreendente de golpes rápidos. Rogério e Jesus Correia são lançados com frequência. Os espanhóis defendem-se com brio, mas vêem-se suplantados. Sucedem-se avançadas sobre avançadas, com a marca de Travassos ou de

para o outro interior, Travassos, que, após rápida preparação, dispara um tiro, que Lezama sómente pôde deter para lá da linha limite. O árbitro ordena *bola ao centro*, e a verdade do lance é de tal modo que não há protestos.

Praticamente, o problema decidiu-se nessa altura, mas verificaram-se ainda várias jogadas brilhantes no decorrer da partida. O público vibra. Está mesmo emocionado. Já ninguém tem dúvidas sobre a vitória de Portugal.

Espanha realiza alguns avanços. Simples fuga de vistas. A nossa defesa, atenta, já se apoderou da situação. Novo tiro de Araújo, desta vez defendido.

Projectam-se avançadas portuguesas lindíssimas. Abrimos o Tratado. Uma ligação Peyroteo-Travassos-Araújo acaba com um remate à trave! Os nossos dianteiros não repousam. Têm forças para tudo, colaborando na defesa e lançando vertiginosamente as suas flechas no caminho das redes.

Verifica-se mais uma boa defesa de Capela, a remate de Gaiña. Moreira entra em acção várias vezes, assim como Amaro.

As ofensivas dos nossos jogadores repetem-se a cada momento. Os pontos são bem lançados. Lezama não pode repousar: toda a linha de ataque o alveja, numa raiva de goals...

Esta imagem do encontro é cortada de quando em vez por contra-ataques espanhóis, que morrem, ou nos pés dos médios, ou nos defesas. A asa direita executa algumas descidas, com trocas de lugares. Quando Capela defende uma bola, e já a tem em seu poder, bem bloqueada, é empurrado por um jogador espanhol e os protestos são infinitos. Continuamos, no entanto, a alvejar as redes de Lezama. Um belo remate de Araújo provoca uma das melhores defesas do viscaíno das redes.

No último quarto de hora, a pressão diminui um pouco, não havendo, todavia, comparação possível entre o jogo de uma e de outra equipa. A medida que o tempo cai, voltamos novamente à carga.

E o encontro acaba numa verdadeira apoteose! Acaba, realmente, como era justo que terminasse... Precisamente no último minuto, Araújo recebe a bola de Rogério, e, como noutras ocasiões,

Desportistas

Bolas para todos os modalidades desportivas, bolas para futebol e andebol, joelheiras, caneleiras, pés elásticos, raquetes para ténis, patins de melhor procedência, todo o material para o que em patins, e para todos os desportos

Representante da mais importante fábrica Norte-Americana, The Dreyper Maynard C.

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67

L I S B O A

Telefones 3 1313 e 3 1314

O Campião continua grande campeão...

A SUA HORA TAMBÉM CHEGARÁ!

Se jogar na casa **CAMPIÃO**, que num mês vendeu 7.100 contos só de prémios grandes!

Campião & C.º

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO PAÍS, FUNDADA EM 1840

LISBOA

Rua do Amparo, 116

PORTO

Praça da Liberdade, 25

COIMBRA

Rua Ferreira Borges, 80

FARO

Rua Francisco Gomes, 33



Os nossos adversários. A Espanha teve sempre futebolistas de raça, e agora ainda os possui em alta escala. Foi batida por um grupo que lhe foi superior, mas lutou com o seu brio habitual, para não perder. Mas o cântaro tantas vezes val à fonte... O grupo que nos defrontou, no primeiro plano: — Iriondo, Panizo, Zarra, Nando, Cesar e Gainza. No segundo: — Bañon, Curta, Bertol, Gonzalvo III e Querejeta



Zarra procura «desligar-se» de Feliciano, porque este vai direito a Cesar, para lhe dificultar o passe. Mais atrás, Araujo, que veio ajudar a defesa



Um dos muitos ataques dos portugueses. Uma boa defesa de Lesama, guardarede bilbatino, apertado por Peyroteo. Curta procura ajudá-lo. Mais a distância, vários jogadores na expectativa

Este Portugal-Espanha tinha a confiança do público. Quase 60 mil portugueses estiveram no Estádio Nacional e demonstraram Fé no resultado. Isto contribuiu também para a emoção do jogo, emoção a que ninguém ficou insensível por mais que quisesse.

Não se quebrou um só momento o espírito de optimismo entre assistentes e jogadores, e ambas as forças se esforçaram pela primeira vitória de Portugal. O contentamento de todos, justificado e oportuno, teve no expressivo triunfo a correspondente medida, embora se possa pensar o contrário no sector vencido.

Não houve, sequer, exagero no resultado. A formação espanhola tem o seu valor, não pode negar-se, e muitas vezes fez perigar as balizas nacionais. Mas os lusitanos, no domingo, eram melhores. Souberam passar de 0 1 para 4-1 à custa de bons golpes de jogo, e o mais imparcial conceito não saberá, ainda que o deseje, conduzir-nos a outro pensamento.

Portugal venceu jogando. Vitórias assim tem um sabor especial e por isso são próprios e naturais estas manifestações de alegria. Nem os nossos desportistas saberiam aplaudir se tal não acontecesse!



Aqui se vê como a obra principiou. Dois grupos do F. C. do Porto, há bons anos, onde encontramos vários «internacionais» e um «olímpico». Brancos e Azuis-brancos, em dia de treino. Nos três da frente, deitados: ao meio, segurando a bola, maior que ele — Valdemar Mota. Dos lados, dois excelentes guarda-redes — José Lino e Carregal; no grupo a seguir, sentados: — João Ferreira, que veio a jogar em África; Francisco Gonçalves, antigo campeão de atletismo e andebol, hoje magista do clube; à esquerda, *Priminho*, (um nome que os velhos do clube recordam); N. N., Ramos, que veio a ser director da colectividade; Acácio Mesquita (internacional); Jerónimo, que foi campeão do Porto e de Portugal; e Gonçalves. No grupo de trás — da direita: Abel Aquino, o esforçado treinador; Lopes Martins, que foi campeão de futebol, seleccionado do Porto, «internacional» de basquetebol contra a França e campeão de Portugal (6 vezes) de andebol. A seguir, Luis Megre, que chegou ao grupo de honra e foi campeão de ténis, formando par com José Roquete. O 5.º é Pedro Temado, campeão de Portugal de futebol e «internacional» contra a Itália, em Milão. O 9.º chegou apenas a suplente do 1.º grupo, mas ingressou nas 1.ªs categorias do Progresso. Chama-se Arménio. A paisana, na extrema esquerda, Alberto Cesar Machado, antigo campeão de natação e *water-polo*, e antigo director do clube

NO TEMPO DA BOLA DE TRAPOS...

O futebol pedagógico para infantis

augmentaria o número de bons praticantes, segundo uma visão retrospectiva

A campanha começa na melhor altura, em vários jornais, e dela se aproveitou já o Oriental Futebol Clube, que está chamando ao seu campo rapazes de palmo e meio. Na secção do Porto da *Stadium* também um colaborador nosso lhe fez referência, nam dos últimos números, recordando casos interessantes e lembrando nomes que muito honraram o futebol portuense e nacional.

Fi em presença desses escritos que resolvemos «visitar» os nossos arquivos à procura de melhores elementos, que felizmente encontramos. Sempre que se lembrem os «infantis», não pode na verdade esquecer-se o que se fez no Porto, em qualquer dos primeiros clubes da cidade, e apenas será de lamentar se no segundo centro desportivo do país não aparecer agora quem faça reviver a «época dos garotos», — época de Valdemar, de Acácio Mesquita, dr. Óscar de Carvalho, Pedro Temado, Augusto Ferreira (Simplicio), Lopes Martins, Albino Lazia, Manuel Reis, Alberto Simões, Manuel Fonseca, António Soares e tantos outros. «Pinga» foi infantil na Madeira.

Nesta época apresentaram-se algumas pessoas cheias de boa vontade e paciência, a elas se devendo toda a «construção» de um edificio, que mais tarde foi

devidamente apreciado, por condazir o futebol portuense ao seu verdadeiro papel de auxiliar valioso da nossa expansão nacional e internacional. Se bem nos recorda, Abel Aquino, Ricardo Cardoso e José Braga, no F. C. do Porto, Boavista e Leixões,

respectivamente, tão dedicados se mostraram que em breves tempos possuíam estas brulosas colectividades gente para as elevar aos lugares mais distintos do futebol português.

Recordemos antes que os grupos portuenses estavam cheios

de gente «importada». Fazia-se o chamado profissionalismo «marron», e volta meia volta apareciam no Porto jogadores estranhos. Vejamos, de relance: — Artur Augusto, o saudoso «internacional» do 1.º Portugal-Espanha; José Balbino da Silva, mais tarde «internacional» também entre os nossos vizinhos; José Maria Bastos (Bastinhos), Jílio Cardoso, Gastão Ferrez, o brasileiro Ambrósio Gama, os húngaros Siska (hoje «tripeirizado» er mo Balbino, por exemplo) e Geza Kompis, — no F. C. do Porto; Alberto Nanes, Arsénio e Biri — no Boavista (o clube que menos «importava»); Artur e Francisco Pereira, Artur Augusto (Camolas), João Bastos, Manuel Gonçalves Varela e Al-

Mais tarde — os *rapazinhos* eram homens. Aqui estão um grupo representativo da A. F. do Porto. No primeiro plano — Alberto Simões, Manuel Reis, Manuel de Sousa (Cato) e Albino Lúzia, do Boavista, que principiam como «infantis». No segundo plano, de novo encontramos Abel Aquino, então como magista — conhecedor em absoluto dos segredos da bola. Ao seu lado, Alexandre Cal, o primeiro posta-esquerda campeão de Portugal do F. C. do Porto, nessa altura seleccionador da A. F. P. — Seguem-se Avelino Martins, «internacional» e campeão de Portugal em futebol; Álvaro Sequeira, campeão de Portugal de futebol, de natação e de *water-polo* e árbitro internacional da mesma modalidade; Coelho da Costa, Manuel Fouseca («internacional» do Académico); Norman Hall, o britânico do Porto, mestre da melhor categoria, ainda hoje entusiasta do futebol, vivendo em Lisboa; Acácio Mesquita, «internacional» e que no atletismo foi titular máximo e recordista; Siska, o grande guarda-redes, que vive no Porto, onde é funcionário da secretaria do clube campeão; Simplicio — outro produto das categorias infantis; Dr. Óscar de Carvalho, o *sterno suplente*, do Boavista; Flávio Laranjeira e Valdemar Mota, o penúltimo igualmente campeão nacional e por vezes director do F. C. P. Nesta equipa, portanto, contam-se 9 antigos «infantis». E os que o não foram — começaram em categorias secundárias, exceptuando Siska



Iredo de Sousa — no Progresso; José Pereira e Alberto Augusto — no Salgueiros. E por aí fora.

Saia do trabalho de Abel Aqaino, Ricardo Cardoso e José Braga, principalmente, a renovação dos quadros portaenses, a sua estabilidade futura. Abel Aqaino preparou, nos «infantis», homens que vieram a ser «internacionais» de valor, sendo um deles Olímpico. No Boavista, Ricardo Cardoso produzia uma obra, visto que alguns dos seus pupilos foram durante muito tempo considerados insubstituíveis em seleções do Norte. José Braga, no Leixões, preparou homens de categoria de Teófilo Veiga (Minhoto), Lili, um extremo-esquerdo admirável. Adão, Henrique, Moreira e outros mais. No Salgueiros, Académico e Candal havia também encarregados zelosos dos infantis, cujos nomes não recordamos, e alguns admiráveis elementos chegaram igualmente a 1.ªs categorias: — Manuel Fonseca (Internacional), Laroze e Romariz, no Académico; António Soares (Internacional) no Grémio Prosperidade, do Candal; Manuel Teixeira, Francisco Carvalho e Ventura, no Salgueiros. Jogadores sem conta.

Em certa altura, difícil para estes clubes — apareceram os «infantis». Acácio Mesquita foi campeão e «internacional» aos 17 anos. Valdemar, aos 20 — era olímpico, como o dr. Oscar de Carvalho, sapiente a Amesterdão na mesma idade. E quase todos os «rapazitos» da mesma época faziam parte dos quadros de honra antes da idade militar.

Uma vez, por causa de atritos que surgiram à última hora entre os *ases*, que todos os adeptos consideravam insubstituíveis,

apresentou o F. C. do Porto uma equipa de antigos infantis, contra o Vitória de Setúbal — clube que nunca perdia no Porto! Vimos então — Valdemar, Acácio, Jerónimo, Lopes Carneiro, António Mota, Lopes Martins, etc. — e o grupo, mal recebido, acabou por sair do campo aplaudidíssimo. Os setabalenses, nesse dia, não conseguiram ganhar... Foram dominados.

Por isso a campanha nos parece útil e oportuna. Porque se abandonou a preparação das equipas infantis? Ainda não há muito tempo nos disse Szabo que os juniores chegam à mão do treinador cheios de defeitos, vícios já formados, ideia do profissionalismo metida na cabeça quando ainda nada sabem e têm de começar pelo a b c da bola. Agora já se não começa com a bola de trapos... Antigamente, quando os «infantis» chegavam ao balneário, vencidos — choravam de desespero. Hoje — pedem alguns juniores o ordenado da semana ou do mês para não pensar em coisas tristes... Falta a chama clabista.

Bem: — o assunto dava para crítica larga. Um nunca acabar de coisas sérias do futebol. Tão sómente se pretende afirmar que um regulamento cuidado e inteligente poderia contribuir para dar aos clubes a localidade e o encargo de chamar os pequenos de palmo e meio, brincando com eles em volta de uma bola de trapos ou coisa parecida, — uma espécie de futebol pedagógico, doutrinário, futebol que esclareira práticas violentas e impróprias da idade.

Rodrigues Teles

HELIOGRAVURA DE ARTE ♦
BILHETES POSTAIS ♦
FOLHETOS DE PROPAGANDA
TURÍSTICA E COMERCIAL
♦ JORNAIS ♦ CATÁLOGOS
♦ ESTAMPAS DE ARTE ♦
REVISTAS E CARTAZES



**NEO GRAVURA
LIMITADA**

AGÊNCIA GERAL:
R. NOVA DO ALMADA, 53-2.º
TELEFONE 2 42 06

OFICINAS
TRAVESSA DA OLIVEIRA À ESTRELA, 6
TELEFONE 6 44 26
L I S B O A



O major Ribeiro dos Reis

recebeu, na sede do Benfica, as insígnias de comendador da Ordem Militar de Avis

O major Ribeiro dos Reis, como por todos os desportistas é sabido, tem um clube. Os críticos não são insensíveis a simpalias, mas quando o demonstram como este nosso ilustre camarada do jornalismo, homem de bom quilate no campo da técnica desportiva, elemento de preponderância nos mais complicados problemas, tanto como seleccionador ou dirigente, crítico ou simples espectador, — orgulho do melhor devem sentir os que se velem pela mesma causa.

E' o nosso caso. O major Ribeiro dos Reis foi condecorado, muito justamente, pelo Governo de Nação, que não ficou indiferente ao belo resultado obtido pela Selecção Militar contra a R A F, que o distinto homem de desporto seleccionou, — e o S. L. e Benfica resolveu oferecer-lhe as insígnias de comendador da Ordem Militar de Avis.

Para isso promoveu uma festa, que saiu do âmbito clabista, como era de calcular. O major Ribeiro dos Reis, estimado em todos os sectores de actividade desportiva, viu-se envolvido por uma carinhosa manifestação de simpatia. Quando o Sr. coronel Sacramento Monteiro lhe colocou as insígnias da Ordem Militar de Avis, prolongados aplausos fecharam a cerimónia.

O Sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa dirigiu algumas palavras de saudação ao homenageado. E o Sr. major Ribeiro dos Reis, emocionado com a prova de amizade do seu clube e dos seus admiradores afirmou que aos rapazes adversários da R A F cabia a honra do bom resultado.

A festa terminou em beleza. Muitos e consagrados desportistas estiveram presentes ou telegrafaram ao major Ribeiro dos Reis, que pôde verificar até que ponto o consideram pelo país fora.





Bom golpe de cabeça de Francisco Ferreira, tendo Moreira na sua frente. Irtondo faz a sua obrigação, na ansia de melhorar o resultado.



A eterna luta do defesa contra o avançado centro. Zarra e Feliciano de braço dado... Moreira assiste ao lance



Gainza e Panizo passam a bola entre si, Cardoso tenta destruir o lance de boa combinação espanhola



A bola está entre os dois rivais: — Cardoso e Gainza. O capitão da equipa nacional está com o pé em movimento e devolverá a bola. Gainza pretende lançar a cabeça para o esférico



Uma fase no meio do campo. Araujo domina a bola e aproxima-se de Gonçalves III e Peyroteo desmarca-se para receber o passe. Bertol e Curta estão atentos

A primeira vitória de Portugal sobre a Espanha

(Continuação da página 3)

Já no ataque poderá afirmar-se que o trabalho desenvolvido atingiu o apogeu. Sabido que Peyroteo estaria muito vigiado, e que o mesmo havia de acontecer a Rogério, importava uma grande destreza da parte dos interiores para não só aproveitarem os extremos, como as oportunidades de ferir de morte as balizas. A-par de isso, todas as triangulações, certas e precisas, cada unidade no seu sítio, saíram como estavam preparadas na teoria e já tinham sido postas na prática. Devemos juntar ainda a este jogo uma rapidez inulgar, virilidade e coragem, e teremos o somatório dos factores que nos levaram orgulhosamente à meta da vitória.

Também em outro capítulo importante do futebol mostrámos uma eficácia muito maior do que de outras vezes. Referimo-nos ao remate, e isso resulta da li. ha dianteira ser constituída por unidades rematadoras. Peyroteo não pôde, ordinariamente, aplicar o seu forte pontapé. De Jesus Correia a Rogério saíram muitos tiros, um verdadeiro bombardeio. E' certo que Araújo e Travassos, em partes iguais, tiveram a honra de marcar as quatro bolas. Qualquer dos outros, porém, pela forma como disparou, podia ter fabricado tentos. Não importa. No fundo, a honra é de todos. O que interessa vincar é o poder do remate português, capaz de causar engulhos aos guarda-redes mais pintados. De resto, é muito difícil resistir a uma linha dianteira a trabalhar na forma verificada no domingo passado. Quase impossível! Como já referimos, parecia um cilindro esmagando tudo na sua passagem.

Os críticos espanhóis dizem muito mal da sua equipa. E a verdade é que eles não se mostraram tão maus como eles os pintam! Revelaram-se bons jogadores, e alguns até com personalidade. Simplesmente foram dominados e subjogados por um *team* mais perfeito e ligado, mais sólido, moral e tècnicamente. Quando isto sucede, não há nada a fazer: o adversário baqueia, atingido em cheio no coração.

Bañon mostrou-se magnífico guarda-redes, e bem superior a Lezama. Querejeta passou um pouco despercebido, mas já Curta deu nas vistas. Gonzalvo, um dos três irmãos catalães, todos jogadores da bola, jogou no à-vontade do praticante de classe, forjando bons avanços. Bertol, tipo do jogador de clube em Espanha, não passou da vulgaridade, enquanto que Nando teve lances de quem sabe e é capaz de jogar bem. Iriondo foi um jogador rápido, e as suas combinações com Panizo, um dos elementos mais considerados no vizinho país, tiveram estílo. Zarra nada pôde fazer, pois não é fácil jogar por alto contra Feliciano. Cesar, um jogador subtil, desiludiu-nos por completo, e Gainza não deixou de pôr em campo as suas enormes faculdades. Quer dizer, o *team* espanhol, uns aguentaram-se e outros fracassaram. Acontece isto muitas vezes.

Capela contribuiu poderosamente para o triunfo. Em dado momento, a equipa compreendeu que podia confiar, e confiou mesmo. O rapaz mostrou-se até sereno, e nas bolas por alto comportou-se magistralmente. A sua compleição física serviu-o. Cardoso não fez o seu melhor, mas teve intervenções muito intelligen-

tes e de um modo geral colaborou eficazmente nas triangulações em frente das redes. Feliciano esteve grande, como nos seus melhores dias: ágil, e elevando-se bem, salvando a equipa em vários golpes de apuro.

A linha medular mostrou harmonia: todos cheios de coragem, cada um desempenhou-se cabalmente da tarefa. Amaro desenvolveu jogadas do melhor recorte técnico, Moreira passou bem e cobriu a defesa, e Francisco Ferreira batalhou generosamente e adaptou-se ao modelo conveniente.

Jesus Correia, depois da exibição sombria contra a Suíça, afirmou-se brilhantemente e nada há que dizer senão elogiar o seu trabalho. Por vezes deu a sensação de ser uma face rasgando o espaço, e das suas jogadas resultou sempre perigo. Araújo organizou muito bem o jogo, dobrando magnificamente e visando as balizas com frequência, e com êxito. Peyroteo colaborou com os companheiros, e pouco solto no remate, talvez por muito vigiado, orientou excelentemente alguns golpes. Travassos foi a maravilha das maravilhas, como nos dizia Szabo, o húngaro já português e que vibrou tanto como nós próprios... Travassos realizou tudo bem feito: a recolha da bola, a passada certa, o *dribbling*, a rapidez do golpe, desferindo ainda remates portentosos. Rogério, no seu estílo, desenvolveu bom f. tebol — completando um ataque firme, ousado, destro e sabedor.

Os espanhóis têm dito mal da arbitragem. Mas sem a mais leve razão. Wiltshire é um árbitro com

A. M. SILVA

Apresenta o mais vasto sortido de artigos de desporto, aos melhores preços do mercado

PEDIDOS A

A. M. SILVA

ARMEIRO

Rua da Betesga, 67-LISBOA

Telefones 31313 e 31314

Descontos especiais para revenda

autoridade, sabedor, decidindo pela própria cabeça e não como os jogadores querem. Se alguns erros teve, eles não influíram no resultado. Nestes, apenas influíu a trave das balizas espanholas. Enfim, conquistámos honradamente e com brilho a primeira vitória contra a Espanha. Trabalhámos todos, tanto e tanto, que bem merecíamos a maior alegria do futebol português!

Tavares da Silva

Antes do início do encontro, ambas as equipas, alinhadas em frente da tribuna de honra, aguardam a chegada dos membros do Governo e das altas entidades oficiais.



Ano V — II Série — N.º 217
Lisboa, 29 de Janeiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIETUDE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

CLICHÉS DO ESTÁDIO

Um jogo inesquecível presenciado por 80.000 pessoas

Futebol, a quanto obrigas! No Portugal-Suiça obrigou 15 mil pessoas a suportarem estôicamente uma chuva impertinente que as alagou até os ossos... Agora, no Portugal-Espanha, o jogo da grande emoção, o acontecimento mais sensacional na história do futebol, do desporto português, alterou hábitos longamente adquiridos, fazendo, ao domingo, levantar da cama mais cedo — para o mais depressa possível, cada um chegar ao Estádio Nacional!

Pessoas que normalmente, após uma semana de trabalho, aproveitam o domingo para repousar, tiveram de sair mais cedo de «vale de lençóis...»

Tomado o pequeno almoço, mastigado a correr, de pé, soprando o café com leite para o arrefecer, eis milhares de lisboetas a caminho do Jamor, conduzindo os «farnéis» para o grande piquenique da Cruz Quebrada...

Os «eléctricos» começaram cedo a transportar a multidão. Logo os comboios os imitaram. E os «taxis», os autocarros de todos os tamanhos, os automóveis particulares, corriam pela autoestrada ou pela estrada marginal formando em «bicha» coleante...

O Estádio começou a encher-se muitas horas antes do desafio principiar. As 10, às 11, ao meio dia, os sectores das cabeceiras iam-se apinhando de povo, que lia os jornais, revistas e livros de grossas páginas, para matar o tempo.

O desafio era o tema de todas as conversas. E a selecção era analisada, dissecada fibra a fibra, pormenor a pormenor, numa escarpelização que reflectia a vontade de triunfo. E, caso curioso, toda a gente mostrava concordância com o seleccionador, achava que ele tinha realmente escolhido a melhor equipa, a equipa capaz de ganhar oficialmente à Espanha...

Doze vitórias dos espanhóis, quatro empates e duas vitórias nossas, que não valeram — desta vez o resultado valerá, lá estava a atestá-lo a bandeira da Fifa tremulando ao vento... — tinham a força de uma tradição de vinte e cinco anos. Impunham hábitos de desconfiança... Por isso, muitas pessoas, a medo, porque o ambiente geral era de fé inabalável na vitória, ariscavam um prognóstico mais comedido:

— Empatamos! «Eles» têm muita sorte quando jogam com Portugal!

E por aí adiante, num tom pouco convincente, que o brilho do olhar contradizia. Lá por dentro — era a esperança, a «fêzada...»

80 mil pessoas estiveram no Estádio Nacional. Um mar de gente, entrando em caudal pela «bocarra» hianite da Praça da Maratona, sempre a correr — como se não tivesse a certeza de encontrar o seu lugar...

E havia ainda, cá fora, quem supplicasse um bilhete, uma entrada de qualquer maneira e esses não eram os eternos «borlistas», mas verdadeiros adeptos do jogo, que não tiveram a felicidade de encontrar um desses papeli-

nhos mágicos, o «abre-te Sésamo» que lhes franqueasse as portas do Estádio...

Aqui e além ouvia-se falar numa língua diferente da nossa. Uma língua que não tinha sabor estranho, musical, cantante... Eram vozes de homens, algumas. Mas eram também vozes cristalinhas de «guapas» espanholitas, «saleros», «slegres e risónhas, confiando no triunfo espanhol.

— Usted verá! Dos a uno!... E riam, um riso brilhante, sedutor...

Como eram sedutores os risos mais confiados, mais espontâneos, das mulheres portuguesas. Lindas todas elas, desenvolvidas, falando do desafio como se o futebol já estivesse de há muito nos seus hábitos. E, no entanto, quantas delas era a primeira vez que iam ao futebol...

Na bancada central havia tantas senhoras como cavalheiros. Era um frizo de beleza, de frescura, de garridice... Uma parada de elegâncias a dar ao desafio um aspecto novo, que só a vastidão do Estádio podia permitir.

Na tribuna juntavam-se as entidades oficiais. Ministros e subsecretários, altos funcionários, autoridades civis e militares...

E cá mais em baixo, nos lugares da imprensa, ia o bulício das grandes tardes. Cerca de três dezenas de jornalistas espanhóis aprestavam-se para assistir ao sensacional encontro. O seu ar não era de confiança. Via-se bem que, intimamente, temiam o desfecho da partida.

Em cada minuto que passava o público tornava-se mais ansioso. Nada o distraía. E olhava para tudo como que alheado do Mundo, só vivendo para o jogo, todos os pensamentos nele concentrados... Não reparava na grandiosidade do Estádio literalmente cheio, no abraço fraternal das bandeiras dos dois países, unidas no topo do mastro de honra, no formigueiro de pessoas que a cada momento surgiam da Praça da Maratona. Nem dava pela passagem de aviões. Mas houve um momento em que um oh! de espanto saiu de todas as bocas: foi quando de um avião lançaram sobre o campo, inundando-o, cobrindo a relva, papéis de reclame! Inacreditável!

— Está na hora! ouviu-se gritar.

Estava mesmo. Eram 15 horas e os dois grupos não tinham aparecido ainda... O público manifestava o seu desagrado, mas ao mesmo tempo dava vazão à sua ansiedade, a esse misto de confiança e receio...

Na pista, pisando o relvado, os fotógrafos acertavam as suas máquinas para a entrada no campo. E quando todos eles tomaram posições, ouviu-se:

— Eles aí vêm!

Primeiro os 17 espanhóis, camisola branca e calção preto, longamente, carinhosamente ovacionados. Depois os nossos, os portugueses, camisola carmesim e calção também branco, no peito as quas do escudo nacional. A ovação parecia não ter fim.

— Portugal! Portugal! Portugal!

Eis as equipas alinhadas ao lado uma da outra, frente à tribuna. Ouvem-se os acordes marciais do hino espanhol e da «Portuguesa». O público levanta-se e escuta religiosamente a música que os alto-falantes repercutem.

O momento tem grandiosidade. Passa por aquela multidão uma sacudidela de emoção. E' mais vivo o olhar dos portugueses. Há sombras no olhar dos espanhóis.

O árbitro inglês, alto, esguio, boa presença, procede à escolha do campo, logo a seguir à cerimónia da troca de galhardetes. As equipas tomam posições. O nervosismo é evidente, visível, nos jogadores e na assistência.

Faz-se, finalmente, o silêncio das grandes ocasiões. Soa o apito do árbitro. O jogo começa.

A Espanha ganha por 1-0, ao primeiro minuto de jogo! Empalidecem os portugueses que assistem ao desafio. Ganham mais cor os rostos dos espanhóis.

Mas lá em baixo a rapaziada está firme. Tavares da Silva talvez se tenha limitado a puxar mais uma fumaça... Mas não deve ter recedido. Há ainda muito tempo. Falta quase tanto como antes do encontro ter principiado.

E o ataque dos portugueses entra a desenvolver-se, a manobrar. Araújo aplica a «alavanca», Travassos tem um remate famoso, da melhor marca. Renasce a confiança. A multidão vibra:

— Portugal! Portugal! Portugal!

Ao nosso lado, um camarada grita:

— Isto é nosso!

Eis o empate. Momento indescritível, único. Os jogadores abraçam-se, enquanto os espanhóis se entreolham, como que pressentindo o que os espera. E vem o segundo goal, marcado, como o primeiro, por Araújo — um rapaz que sabe cumprir as suas promessas...

E' o triunfo a desenhar-se. A tomar forma. A ganhar expressão. Agora, sim, é desta! Até o Sol se descobre, ganha mais brilho, numa homenagem ao esforço dos portugueses.

Nem o intervalo acalma a ansiedade da multidão. Uma bola de diferença — é pouco! E' preciso mais um ponto. Mais dois, se for possível.

O jogo recomeça. E durante um quarto de hora a equipa portuguesa joga admiravelmente, pratica um futebol como poucas vezes se tem visto nos campos portugueses. Rapidez, alegria, certeza de passes, remates fortes, frequentes. Os espanhóis são atirados para o seu campo, dominados, enleados. Mas a sorte protege-os, uma, duas vezes. Um remate de Araújo bate na trave. Nando salva dois goals.

Não há maneira! Sempre a «mala pata» a perseguir-nos.

E, entretanto, o povo enrouquece a gritar a plenos pulmões:

— Portugal! Portugal! Portugal!

Mas Travassos, a jogar admiravelmente, marca o terceiro ponto. O Estádio parece vir a baixo com o peso do entusiasmo dos portugueses.

Capela, doido de alegria, sai das balizas para abraçar o seu camarada. Por momentos a equipa lusitana desaparece do campo. Em seu lugar vê-se uma mancha berrante de carmesim, mais vivo, mais fulgurante.

E o desafio recomeça. Os portugueses abrandam um pouco, para logo voltarem ao ritmo anterior, ainda que mais espaçado. O tempo voa. O resultado não traduz a nossa superioridade.

Grita-se:

— Mais um! Mais um!

Aos quarenta e quatro minutos a equipa portuguesa folheia uma das melhores páginas do seu tratado. A bola segue suavemente de Moreira a Amaro, de Amaro a Araújo, de Araújo a Travassos. A defesa espanhola recua, enleada, entontecida. E o interior esquerdo remata, com força, com raiva, com frescura. A bola toca as malhas da rede. E' o grande goal de Portugal.

O Mundo parece acabar-se ali. A multidão chora e ri, andam almofadas e chapéus, bonés e casacos pelo ar. O povo acena com lenços. Os jogadores abraçam-se, formam um cacho humano, fundem-se num só.

E o desafio acaba. Todos estamos cansados, fatigados de corpo e de espírito. Mas a satisfação dá «casas», leveza, aos portugueses. E' mais belo o sorriso das mulheres, cai a tarde numa aleluia de cor. A multidão debanda, ordeiramente, ri contente — e há lágrimas furtivas em muitos olhos!

26 de Janeiro de 1947. Dia glorioso para o desporto nacional.

Manuel Mota



Feliciano trava a corrida a Zarra. Ambos lutam ombro a ombro, enquanto a bola segue para a «terra de ninguém»

VENCEMOS A ESPANHA!



Cesar consegue fugir a Amaro, corre sob a vigilância de Cardoso e remata... mas não marca



Augusto Silva — o treinador. A sua experiência, inteligente, serviu admiravelmente a equipa. Augusto Silva não triunfou como jogador — mas teve agora esse prazer... como preparador técnico...



Travassos foi um dos grandes jogadores portugueses. Marcou dois belos tentos



A nossa equipa! Valorosa e conhecedora do seu valor, o grupo nacional conquistou a primeira vitória sobre a Espanha no 19.º encontro. Os seus nomes ficam ligados a esta bonita jornada. Aqui estão, por ordem: Jesus Correia, Araújo, Pegreteo, Travassos e Regério — no primeiro plano. De pé — Alvaro Cardoso (cap.), Capela, Moreira, Feliciano, Amaro e Francisco Ferreira

NO NÚMERO DE 12 DE FEVEREIRO PUBLICAREMOS ESTA FOTOGRAFIA, EM SEPARATA A CORES



Tavares da Silva — o seleccionador. Quem o viu antes do encontro... acreditando sempre mas nervoso, e depois do jogo, sabe que o seleccionador «sofre» como poucos. Vejamos agora a sua alegria!



Araújo, fez passar a equipa da derrota para a vitória, conquistando dois pontos. Outro grande jogador



Confirmando as nossas notícias, Onofre Tavares, ciclista criado do F. C. do Porto, «fixou residência em Lisboa», e fim de ingressar no Benfica. A afirmação de que do Norte iria para o Benfica apenas determinado ciclista, já em situação «especial» (Império Santos), fica assim desmentida. Entretanto, o F. C. do Porto fez já sobre este assunto uma exposição às entidades oficiais. Na capital do Norte aguarda-se serenamente o resultado

MOSAICOS nortenhos...

TODOS ecetam a imposição autoritária de certos clubes que se dão ao luxo de forragear em campo alheio. As coisas tornam-se fáceis, e às vezes até chegamos a ter a impressão de que se concorda demolidamente com a ousadia alheia...

Fol o caso de Onofre, por exemplo. E por aí fora.

♦ O PORTO também se apalxou pelo encontro Portugal-Espanha. E também aqui chegou a dificuldade no tocante a bilhetes. Foi uma fregédia. E se dissemos que até de Lisboa se pediram bilhetes... para o Porto?

♦ S. LORENZO DE ALMAGRO jogará no Porto, segundo as primeiras notícias. A esta hora estarão confirmadas ou não. Mas oxalá que isso seja verdade. Os portugueses gostariam muitíssimo de ver tão boa equipe, compensando-os ao mesmo tempo da pouca sorte que lhes está reservada no capítulo de jogos internacionais.

♦ O F. C. P. «reformulará» a sua equipe, segundo parece. Conta-se com a inclusão de um nome que é estimado pelos desportistas portugueses, sendo possível a sua presença já contra o Oihanense ou argelinos.

Há ainda em causa certo acidente verificado após o jogo de Coimbra, contra o Académico. Araújo e Berrigana, e ainda Correlé Dias estão a ser discutidos...

♦ ENTRAMOS no período de lutas «eleitorais». Na A. F. do Porto e nos clubes.

Na altura em que escrevemos, discute-se ainda a impossibilidade de Alberto Brito e Orlando Sousa. Lamentamo-lo sinceramente. Sobre o F. C. do Porto pouco se sabe... Mas há duas correntes de opinião formadas, sendo natural que apareçam com certa vivacidade na altura própria.

Acontece o mesmo nas Associações. Ao basquetebol já preside Manuel Carvalho Esteves, desportista de bom quilate. Representa o Vasco de Gama, mas também pertence ao F. C. do Porto — o que é interessante.

♦ FOI ADIADO o jogo Braga-Porto. Naturalíssimo. No último domingo todas as atenções estarão viradas para o Portugal Espanha, em Lisboa. Não faltará data disponível, mais própria para o encontro entre as equipes das duas Associações vizinhas.

♦ OS JUNIORES estão a disputar um campeonato renhido, parecendo os do F. C. do Porto e do Leixões mais bem apetrechados para ganhar o título. Por enquanto, o F. C. do Porto segue na vanguarda do campeonato.

Este ano é bom ter cuidado com a preparação dos rapazes. Falo-se insistentemente numa viagem a Londres, lá para 1948, e o Porto pode

DIRIGENTES...

Estamos em afadigado período eleitoral. Parece que isto representa uma «pequena coisa» no xadrez desportivo, mas isso não é por certo verdade.

Da acção dos bons dirigentes resultam, como é óbvio, os bons trabalhos na marcha dos casos que precisam de solução capaz, e daí alguns cuidados honestos por parte das pessoas ou entidades interessadas em contribuir para a marcha regular e inteligente das ideias ligadas ao desporto.

Acontece, porém, que muitos pensam de maneira diferente, e embora procurem elementos sérios e imparciais para o desempenho dos cargos, organizam os elencos por forma a hostilizar pessoas ou clubes. O que não está certo.

Incluir um ou outro jogador se tiver cuidado e ensinar bem...

♦ FALA-SE com certo vigor em visitas de equipas de basquetebol estrangeiras. O Vasco da Gama (o do Brasil). Como numa saída dos vascaínos portugueses a França. Seria interessante.

No entanto, todas as coisas se dizem com muita facilidade, às vezes por causa de uma simples carta, uma rejeição, uma informação vaga...

Aguardaremos que os ditos se confirmem, mas devemos ter cautela com a literatura abundante e otimista. Temos visto tanta coisa e tomado conhecimento de tantos projectos fantásticos...

O Estádio do F. C. do Porto, por exemplo!

♦ CORTA-MATO — que bonito e saudável modalidade! O F. C. do Porto e o Operário, um «grande» e um «pequeno», ainda o praticam ou fazem praticar com entusiasmo. O resto...

Em épocas passadas, por esta altura, já os campeonatos estavam organizados e concluídos. Agora — nem gerência da Apa existe...

♦ TÊNIS DE MESA... Perguntam-nos alguma coisa sobre o ténis de mesa. Nós poderíamos dizer algo, sem dúvida alguma. Poderíamos contar uma história interessante, que faria corar os responsáveis pelo maresmo que envolveu a «gentil» modalidade.

Mas valerá a pena? Diga-se apenas que o ténis de mesa, graças a influências de várias naturezas, «morreu» ou tem estado na agonia. Só falta dizer como o grande e inimitável Bernard Shaw: «...eu não existo!»

♦ O ACADÉMICO também pode jogar mal. Se os outros podem... Aconteceu isso há dois domingos, em S. Mamede de Infesta, e todos quiseram comentar o facto desagradavelmente.

Para quê? Se o futebol é futebol, que poderemos dizer em seu desabono? Aplauda-se a incerteza...

No Porto, então, luta-se às vezes com essa ânsia de ferir, o que não corresponde de nenhum modo ao pensamento da massa desportiva e da boa crítica.

Na Associação de Futebol já isso aconteceu muitas vezes em épocas passadas, apenas se interrompendo a toada dominante após as eleições felizes de Alberto Brito e Orlando de Sousa, sem que os seus colegas de direcção deixassem igualmente de contribuir para o acerto das gerências a que pertenceram. Mas, por infelicidade ou coisa parecida, os dois distintos homens de desporto mostram-se aborrecidos com a assistência de muitos outros à cata de celebridade, e por isso querem abandonar os cargos que tanto honraram.

Muito lamentaremos se a atitude conseguir vingar. Alberto Brito e Orlando Sousa, embora de clubes diferentes, não vos quiserem ter na Associação de Futebol, antes puseram a sua actividade e a sua inteligência ao serviço permanente da mais popular das modalidades.

Compreendemos, entretanto, o seu desgosto. Compreendemo-lo e respeitamo-lo, não sem deixar de o fazer com sincera pena, porque os bons dirigentes não são hoje moeda corrente. É preciso estimá-los quando aparecem.

Transportemos agora a nossa crítica para a Associação de Ciclismo do Norte. Fizeram-se eleições. No entanto, desde a assembleia geral aos mais insignificantes lugares — não apareceu ninguém do F. C. do Porto.

O que se quer dizer com isto? O primeiro clube do Norte já abandonou a modalidade? Des-

gostou-se antecipadamente com os propósitos alheios, e, antes de mais nada, sem ouvir a voz de quem de direito, resolveu desinteressar-se dos acontecimentos velocipedicos?

Ou tratar-se-á de mais um caso de ingratidão propositada?

Por várias vezes tem acontecido assim, em oposição aos mais elementares deveres de cortesia e disciplina, não sendo portanto novidade ver-se os primeiros defensores de certa modalidade afastados das gerências, dando-se lugar à «oposição total», — oposição que pode não existir no pensamento dos eleitos, mas que saiu da ideia estranha dos eleitores.

Estas gerências, por mais que se diga em contrário, nunca podem vencer a dúvida estabelecida naturalmente no espírito colectivo do agrupamento maltratado, saindo-se da autoridade para o círculo vicioso mesmo quando se julga haver couraça forte contra o perigo de cair em tal.

Além disso, se cada um mela a mão lavada na sua consciência, parecerá próprio, digno e desportivo desconsiderar organismos de comprovada virtude, achincalhando-os até o ponto de nem o posto de continuo ter em lista onde há lugar para toda a gente?

Não se desfaz aqui das qualidades de quem quer que seja. Condenamos apenas os processos, e se o F. C. do Porto tiver também culpa formada, ligamo-lo ao comentário sem olhar à sua categoria. Ou melhor, talvez: — por ser o primeiro e dos primeiros, cumpra-lhe tomar a cabeça honrosamente e cumprir com senso e brio desportivo.

Estabelecemos doutrina. Não elevamos o clubismo. Isso fazem os que criam gerências de espírito quebrados.

AOS CLUBES DESPORTIVOS

Não comprem material desportivo sem consultarem uma casa especializada, que importa directamente dos mais importantes fábricas do género, e aos melhores preços

A. M. SILVA ARMEIRO

Rua da Betesga, 67

LISBOA

Telefones 3 1313 e 3 1314

Nem pouco nem muito...

A vitória portuguesa

ateriu bem as nossas possibilidades durante o jogo

Finalmente, já não se poderá dizer: «o jogo que nunca vencemos!» Na pista verde do Vale de Jamor, no domingo a deitar por fora, partia-se finalmente o ritmo de resultados favoráveis à Espanha, alguns bem demolidores dos nossos anseios de progredir e de arranjar lugar no futebol de todo o mundo.

A vitória portuguesa teve ainda o mérito de ser «expressiva» em números e em jogo. Tardou, na verdade, mas correspondeu aos desejos do nosso público e da nossa equipa. Vencer sem honra, não podia interessar-nos. Desejávamos ganhar bem, não dando motivo a escritos duvidosos, às vezes risinhos...

Pois ganhámos admiravelmente. O grupo seleccionado por Tavares da Silva, inteiriço desde o primeiro minuto, mesmo depois de sofrer um tento ingrato, no primeiro lance do jogo, deu provas da sua capacidade técnica e individual, moralizado como nunca, disposto a bater-se até o apito final de mister Wiltshire.

Assim aconteceu. A nossa equipa foi mais forte sob todos os aspectos, embora os espanhóis, vencedores na primeira avançada, houvessem naturalmente pensado que «ainda não era desta vez». O seu trio defensivo, aplicadíssimo e categorizado, contando com Carta, homem que Pablo Hernandez Coronado considerava a «chave da vitória», seguro no virtuosismo de Bañon e na oportunidade saliente de Querejeta, via-se forçado a trabalhar com todas as cautelas. Talvez pela primeira vez, com certeza pela primeira vez, teve de empregar-se o trio defensivo de Espanha com insistência. Passaram os tempos de Zamora! De «el gran Ricardo», que só nos intervalos nos poderia dar o gosto de vermos a sua inimitável «sacarranç».

No Estádio Nacional, durante certo período da segunda parte, quando os avançados portugueses exibiam toda a gama de jogadores clássicos, só faltou que algem gritasse do anfiteatro:

— Olé! Olé!

Lembra-nos naquele momento, como visão dolorosa, vários jogos de outras épocas. Nem sempre fomos tão inferiores como alguns resultados indicam, nem o futebol do país vizinho marcou uma classe que padesse ficar separada por 9 bolas de diferença.

Mas o certo é que não ganhávamos. Havia sempre um «grãozinho de areia», agora esmagado pela equipa nacional. Ao 19.º encontro, desapareceu o encanto, e é talvez necessário não perder de vista as «obrigações» deste triângulo brilhantíssimo, oportuno e legal.

Vencemos e é preciso «convenecer». Lá mais para diante, com as responsabilidades contraídas,

veremos Portugal bater-se com o mesmo brío de domingo último, de muitos domingos, claramente, mas tão ligado como agora, tão equipa, tão forte que até não faltam opiniões sobre a escassez dos números.

Alvaro Cardoso, por exemplo, não estava contente no intervalo. O resultado não correspondia ao nosso esforço. No fim, feitas também as contas, sucedia fatalmente o mesmo.

Tavares da Silva, ouvido também no descanso, e nisto nos ajudou um distinto colega, por ser impossível sair do nosso posto, no sector da imprensa, mostrou-se também insatisfeito. «Estamos a jogar bem, mas os «goals» negam-se. Vamos procurar o mais cedo possível o terceiro tento. E se ele aparece, a coisa pode ser falada...»

E podia, na verdade. O substituto de Bañon teve muita sorte em vários lances, e se o 4.º tento português fosse marcado um pouco antes, como esteve para suceder, sabe-se lá o que teria acontecido...

A equipa espanhola, por confiar ainda na sua estrela, não gostou da derrota. Naturalmente. D. Pablo, o calvo seleccionador espanhol, bigodinho bem tratado e sorriso brincalhão, disse-nos, no decurso do banquete, na Avenida Palace:

— Há uma crise passageira no futebol espanhol. Esquecendo-a, direi que os portugueses me impressionaram no ataque. Os interiores são duas «enguias» que se escapam e rematam...

Cesar, capitão da equipa, é que foi mais aborrecido para Barcelona. Não quis ser justo e declarou-nos que «um tento apenas deveria reproduzir a vantagem de Portugal».

Um colega do jornalismo castelhano, D. Martin Fernandez, já não pensa do mesmo modo. Eis a sua opinião:

— Vitória certa, obra de um trabalho persistente. O conjunto português deve ter sido bem tratado, física e moralmente. Os técnicos não perderam por certo o seu tempo. Merecem aplausos...

Assim o compreendemos. Conhece-se lá a soma de filosofia psicológica vertida no cérebro de alguns, quantos cuidados e horas de vigilância para evitar descuidos... Que o team respondeu a tudo. Os onze homens que representaram Portugal e tiveram a honra de o conduzir à vitória pela primeira vez, ouviram bem a lição. Parecia uma equipa de clube, sempre pronta, ágil, rapidíssima no pensamento e na execução.

E o público? Vibrou, delirante, mesmo quando perdíamos, gritando com alma e sempre: Portugal! Portugal! Portugal! Tinha fé nos jogadores e estava como eles equipado para receber o

PELO SEU MELHOR JOGO DE CONJUNTO

Portugal ganhou à Espanha

A falha do médio-centro influiu no desacerto da equipa espanhola

Crónica de Ramón Melcon, especial para «Stadium»

Quebrou-se a tradição. Portugal conseguiu a sua primeira vitória sobre a Espanha. E conseguiu-a com todo o merecimento, com toda a claridade e com toda a justiça. O conjunto português foi esse: um conjunto que se moveu no campo seguindo uma tática preconcebida, sem que nem um só dos seus homens tenha falhado. Houve alguns melhores do que os outros; mas ninguém descompôs a formidável máquina de jogar ao futebol que é hoje em dia a equipa lusitana.

E por ser a primeira vez que Portugal ganha, soube fazê-lo folgadamente. Quatro golos a um é um resultado que não deixa lugar a dúvidas. No entanto, houve uns momentos em que o triunfo da Espanha podia ter chegado. Foi no início do encontro. Aos quarenta e seis segundos exactos, a Espanha tinha já um golo. E os seus homens, com coragem digna de aplauso, levavam a bola facilmente até aos domínios de Capela, que se viu comprometido em várias ocasiões.

Então, Cesar e Panizo tiveram ocasião para marcar de novo. Mas o primeiro, por lentidão e indecisão, e o segundo, por descerito no pontapé, melograram as oportunidades. E já se sabe: a ocasião apresenta-se poucas vezes, e o que não a aproveita não volta a tê-la ao seu alcance. A Espanha não a aproveitou, e o resultado foi perder estrepitosamente um encontro que podia ter ganhado.

Porque depois, passados os momentos de desconcerto no grupo português, este pôde ordenar o seu jogo devidamente, e já os espanhóis, cujo médio-centro não soube fazer o jogo mais adequado, pois empregou o passe alto, que tanto convinha a homens como Feliciano, Capela e Francisco Ferreira, marcharem à deriva. O ataque adversário, bem dirigido pelo pequeno Travessos, revelação do encontro para os esfionados espanhóis que o presenciavam, ligava uma e outra jogada e punha em verdadeiros apuros a porta que Bañon defendia com valentia, serenidade e arrojado. Nando primeiro, e a trave depois salvarem dois golos que pareciam

trianfo há muitos anos procurado. Os nossos adversários, contra quem mais gostamos de jogar, podem não ter compreendido este estado de espírito, e a um ouvimos afirmar:

— Só faltou o grito: «Por S. Jorge», como em Aljubarrota!

Talvez seja assim. Mas não são menos entusiasmados os nossos vizinhos simpáticos. E a tarde alegre e gloriosa do futebol português, trazendo uma «certeza» que se respirava em todos os cantos, bem mereceu a afeição dos espectadores, que tiveram a felicidade que jamais lhes esquecerá...

Rodríguez Teles

feitos. Mas não se pôde evitar que Araújo, em dois oportunos remates, pusesse Portugal por diante no marcador.

Coincidiu com o segundo tento a lesão de Bañon, que tornou necessária a substituição deste. Lezama ocupou o seu posto, e já aquilo tomou outro aspecto muito mais desagradável para a equipa espanhola. Dois golos mais de Travessos — o primeiro facilmente defensável — deixaram por terra todos as esperanças hispânicas.

Realmente, o único comentário que cabe fazer ao encontro, por parte dum jornalista espanhol, é o que já fizemos antes de se jogar. Portugal tem conjunto, tem tática, à qual se cinge exactamente, e tem, além disso, classe, muita classe. O seu futebol colocou-se à altura dos melhores do mundo. A Espanha, pelo contrário, ainda que continue tendo a sua característica principal, que é o perigo dos seus avanços e facilidade no tiro, não obstante não se terem visto no encontro de domingo muitos destes por parte dos espanhóis, está falta duma preparação que é absolutamente necessária. Essa tática que deu a Portugal oportunidade de respirar tranquilo por ter podido quebrar o malefício que parecia pesar sobre os seus contatos com os espanhóis.

Não quer isto dizer que vamos considerar como «falta de toda a virtude» o futebol espanhol. Neste mesmo encontro de que falamos, podia ter ganhado se, nos primeiros momentos, o tivesse ajudado a sorte. E é capaz, sem dúvida, de se impor, numa luta de acerto, ao melhor conjunto de qualquer país. Mas temos de reconhecer que é preciso mudar os sistemas de jogo e de preparação da selecção espanhola. Pelo menos, se se quer ir com garantias de êxito disputar encontros nos quais importa tanto ganhar como deixar uma boa impressão de jogo.

Quer dizer que este resultado, longe de tirar interesse aos desafios entre as duas nações peninsulares, virá dar-lhes uma importância maior. Porque os portugueses, mais confiantes que até agora, lutarão de agora em diante sem preocupações, e os espanhóis terão na derrota de domingo um motivo mais para pôr na sua actuação todo o entusiasmo que faltou desta vez a alguns — muito poucos — dos nossos jogadores.

R. M.

Almanaque dos desportos

Na «Stadium» continuam a receber-se pedidos para esta obra de 300 páginas, ilustradas, a publicar oportunamente.



Bañon está batido pela primeira vez. Araujo deu força e direção ao remate, e o guarda-redes espanhol nada pôde fazer



Uma defesa segura de Bañon, livre de Peyroteo, entre os defesas Querejeta e Curta, dois admiráveis jogadores da equipa espanhola



Cardoso está senhor da jogada. Zarra aperta-o, enquanto Feliciano e Amaro estão atentos. Mais distancetados, César e Panizo, pertencendo o remate ao primeiro



Zarra joga o eixo com Feliciano. Os espanhóis atacaram algumas vezes com fúria, tanto do seu agrado, mas os defesas portugueses são também valentes. Capela entrará a tempo e Iriondo não conseguiu perturbar Francisco Ferreira.



Dois portugueses (Moreira e Francisco Ferreira) de- fazem uma avançada de

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de comboios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

HOTÉIS:

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Móderno e elegante—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Todo o conforto — Anexo às Termas

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Itália)
Completamente modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-
terápico. Laboratório de Análises
Clínicas. Ginástica-Massagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Ténis (courts), Hipismo (escola
de equitação), Natação (piscina de água tépida),
Esgrima (sala de armas), Tiro («Stands»), etc.

CASINO: Aberto todo o ano
Cinema - Concertos - Festas
Dancing - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL

Entre duas épocas de ciclismo...

...o Benfica pretende formar
uma forte equipa de «ases»

No ciclismo considera-se período de «defeso» o que fica compreendido entre 15 de Novembro e 15 de Março. E isto é assim dadas as condições especiais em que vive o ciclismo nacional — sem pistas! Lá fora não há «defeso». Porque, terminada a época de estrada, os corredores têm possibilidades de disputar competições em pista. Importa, porém, uma rectificação: o «lá fora» refere-se especialmente à França, à Bélgica, à Suíça e à Itália, países onde há velódromos

promover as provas.. E os particulares retiraram-se. Talvez porque os clubes, durante muito tempo, abriram demasiadamente a boca... Há coisas que têm de ser tratadas com muito cuidado. Mas a verdade é esta: a «corda» foi muito esticada... e partiu-se!

No entanto, um facto bastou para nos permitir concluir que o ciclismo vai entrar numa fase nova: o ressurgimento da «Volta a Portugal». Deixando, pelos resultados que proporcionou, a certeza de que será um facto — em 1947... Ora, a «Volta a



José Martins

cobertos. Aqui no lado, na vizinha Espanha, os corredores, durante o Inverno, nada fazem... o mesmo mal os allige. Têm mais pistas que nós — mas nenhuma é coberta...

O «defeso» em Portugal dura, portanto, quatro meses. Praticamente, por consequência, estamos em metade precisamente do período.

O meio, porém, começa já a agitar-se. As «licenças» passadas pela Federação têm validade desde o dia 1 de Janeiro e os clubes tratam de assegurar a colaboração de ciclistas que os defendam bem nas fataras competições...

A época de 1946 principiou, julgamos, uma nova era do ciclismo lusitano. As corridas não foram muitas. Os organismos oficiais não têm dinheiro para

Portugal» tem sido, e será sempre, o fulcro do ciclismo. Sem ela — não há ciclismo, a bem dizer... Por maiores que sejam os esforços dos dirigentes, só a «Volta» cria ambiente ao ciclismo. É ela que revela os «ases», os consagra, os torna populares e queridos. Foi a «Volta» que deu origem ao duelo Nicolau-Trindade, o mais famoso na história do ciclismo nacional, o que deu ao ciclismo o maior incremento — à sombra de uma rivalidade individual e clubista... Porque o Nicolau-Trindade transformou-se, a breve trecho, no Benfica-Sporting do ciclismo. E o Benfica-Sporting é o grande aliciante. Dizta-me há pouco um dirigente de um deles: façam um Benfica-Sporting de «belindre» no Estádio Nacional — e o Estádio Nacional encher-se-á... É

assim mesmo. Por mais voltas que se dêem...

E o Benfica vai regressar ao ciclismo!

Eis a grande, a sensacional novidade deste princípio do ano. Já na época passada os «encarnados» se dedicaram ao ciclismo com maior interesse que nos anos anteriores, desde 1941. Mas apenas com amadores e alguns iniciados.

Todavia, já se previa que o Benfica pensava apresentar, quanto antes, uma forte equipa de independentes. Mas uma equipa que pudesse concorrer às glórias das tradições do clube — desde Alfredo Piedade a José Maria Nicólea, passando por tantos nomes famosos... Gil Moreira, Borges, Almeida, Malha, César Luis, Felipe de Melo, Eduino Lopes, José Martins, Aguiar da Cunha, Aguiar Martins, etc., etc.

É inegável que os «encarnados» vão dar maior incremento



Fernando Moreira

ao ciclismo. Principalmente se a equipa do Benfica for a que se calcula: João Rebelo, José Martins, Júlio Mourão, Império dos Santos e Onofre Tavares!

Com esta equipa o ciclismo benfiquista apresentar-se-á em boas condições para dar réplica às mais fortes colligações.

Antes de fazermos uma breve previsão do que poderá ser a futura época de ciclismo, vejamos o que se passa em 1946.

As Associações do Norte e do Sul organizaram os seus campeonatos regionais e a Federação Portuguesa de Ciclismo promoveu os nacionais de estrada. Não lhe foi possível, porém, realizar os nacionais de velocidade. Não vale a pena analisar a falha...

As corridas particulares foram poucas. No Norte, como já vem sendo costume, a actividade foi maior que no Sul. Há, por ali, mais espírito de iniciativa, às vezes prejudicado por certas atitudes de incompreensão... E no capítulo de chamar mais gente à prática da modalidade, a Associação do Norte teve, no final da época, uma iniciativa feliz: a organização de corridas para populares. Em Lisboa, muitos meses antes, o Benfica fez o mesmo, mas sem a continuidade dos norteños. Um plano de F. P. C. com o mesmo objectivo não vingou. Apenas três entidades lhe ofereceram agora material indispensável...

A «Volta a Portugal» movi-

RUA DE D. PEDRO V, 120
TELEFONE 2 3121—LISBOA

TIPOGRAFIA SILVAS, L.^{DA}

Trabalhos tipográficos
em todos os géneros
Composição mecânica

mento o ciclismo. Foi uma prova brilhante, com a particularidade de se alimentar, à falta do Benfica-Sporting, da rivalidade Norte-Sul, verificada através da luta entre o magnífico corredor Fernando Moreira e os «ases» da capital.

No plano internacional, foi uma equipa à «Volta a Espanha», onde João Rebelo obteve um bom 10.º lugar. O mesmo corredor participou na «Volta à Suíça». E melhor não falar nisto...

No balanço da época, os melhores homens foram Fernando Moreira, João Rebelo, João Lourenço, José Martins, Aristides Martins, Onofre Tavares — os marroquinos da Iluminante, Driss e Djilil III, e o francês dos «leões» Castódio dos Reis.

No lote dos amadores revelaram-se alguns bons valores: Ma-

ximiano Rola, Serafim Paulo, Santos Gonçalves, Joaquim Costa, Domingos Jacinto...

É de crer que todos estes rapazes compareçam nas próximas corridas. O que deve variar a sua distribuição pelos clubes... Se, é claro, as mudanças forem autorizadas...

Desaparecida a equipa da Iluminante, ficaram-nos o Sporting, o Benfica, o Lisgás e, talvez, o Sangelhos — em Lisboa. No Porto, o F. C. P., o Académico, que vai procurar reforçar-se, o Sanguinhos...

A luta Norte-Sul aliar-se-á o duelo Benfica-Sporting. Oxalá que ele possa ser um facto. Falo que me adepto e antigo dirigente da modalidade. Ao ingressar na extinta U. V. P., encontrei lá o Benfica. Não tive a felicidade, ao abandonar aquele organismo,

de o deixar lá de novo com uma equipa de «ases». Mas fica-me a certeza de que alguma coisa contribui para o reaparecimento «dos encarnados».

Prevejo uma bellissima época. Diz-me uma voz interior que 1947 será o começo do renascimento total do ciclismo. E se o Sporting tiver a sua pista arranjada antes da época própria — o ciclismo poderá atingir níveis poucas vezes alcançado no nosso país!

Vencida a crise directiva da F. P. C., aplanadas quaisquer dificuldades e afastados ressentimentos, interessados do Benfica e o Sporting e o F. C. do Porto, haverá mais provas, muitas provas, numa sequência agradável. E se a «Volta a Portugal» for um facto — e acreditamos que será... — o ciclismo terá regressado ao seu antigo esplendor



João Rebelo

— talvez até mais vivo, mais brilhante.

Por mim ficarei satisfeito. Sete anos de trabalho na U. V. P. e no F. P. C. permitir-me-ão dizer que, apesar da crise que o ciclismo atravessou, alguma coisa me foi possível fazer para que o ressurgimento do ciclismo encontrasse onde se apoiar!...

Manuel Mota

ARMEIS & MORENO L.^{DA}

Gravadores

FOTOGRAVURA
ZINCOGRAFIA
TRICROMIA
DESENHO

36-A, T. DE S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TEL. 2 8055

O ATENCIOSO CUIDADO É A SENTINELA DA QUALIDADE



Alegria! A multidão vibrou intensamente durante os 90 minutos, e muito mais quando as redes espanholas foram derrotadas. O público também correspondeu! Belo público português



O seleccionador português e o capitão da nossa equipa abraçam-se com o entusiasmo que se adivinha. Sabe tão bem vencer...



Os espanhóis abandonam as cabinhas cheios de confiança. Hernandez Coronado, o seleccionador, vai de braço dado com César. Instruções da última hora...



A entrada dos portugueses em campo. Cardoso conduz a bola e há confiança. «Vamos ganhar!»



Três dos melhores jogadores da linha avançada nacional: — Araujo e Travassos, que marcaram os 4 «goals» do desafio, e Jesus Correia, «internacional» em duas modalidades diferentes: — «hockey» em patins e futebol. Estão, como todos, emocionados. Já se acabará o jogo...



O árbitro do encontro: Mister Witshire (Inglaterra)



O juiz de linha espanhol, sr. Plácido Hernandez



Vieira da Costa, o juiz de linha português

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

PELA EUROPA

Em Barcelona produziu-se no dia 14 do corrente uma surpresa de certo vulto. O pugilista italiano *Luio Minelli*, que lutou em Lisboa contra Jorge Larsen, pôs fora de combate ao 4.º assalto, mercê de um persistente ataque ao estômago, o catalão José Ferrer.

No dia seguinte efectuou-se novo espectáculo, durante o qual outro italiano, *Cassali*, peso médio, foi derrotado por pontos em benefício de Soldevilla. O último *match*, entre *Mariano Dias*, aspirante ao título dos «levisimos», e *Latorre* findou com a vitória deste último por decisão do árbitro.

Latorre levava 3 quilos de vantagem ao seu antagonista.

Em Paris, o campeão holandês dos «médios» *Luc Van Dam* perdeu ante o marroquino *Assane Diouf*, por pontos, em 10 assaltos.

Diouf foi detentor do título francês antes de perder com *Cerdan*.

Acerea deste último, assegura-se que lutará em Londres contra *Bert Gilroy*, campeão da Escócia, no dia 11 de Fevereiro.

No Royal Albert Hall, *Jackie Paterson*, campeão mundial dos pesos mínimos, foi declarado vencido por pontos, a favor do negro *Cliff Anderson* da Guiana Inglesa.

Na mesma sessão, *Freddie Mills*, campeão dos semi-pesados, pôs fora de combate ao 2.º assalto o holandês *Quentenmeyer*, cuja manifestação de coragem supriu a enorme diferença de peso e de técnica.

RUGBY

Inglaterra 9 - Gales 6

A Gales perdeu o desafio com a Inglaterra por 9 pontos a 6. Um *goal* e um *drop-goal* fizeram o resultado. O triângulo *Tanner*, *Bledlyn Williams*, *Matthews* e *Cleaver*, do reputado clube *Cardiff*, foi apagado por *Travers*, *White* e *Mycok*, avançados do quinze inglês cujo trabalho excedeu as melhores expectativas.

ATLETISMO

Um velocista promissor

Ken Anderson, estudante do Colégio Real da Universidade de *Durham*, vencedor das corridas de 100 e 440 jardas do Campeonato Regional, afirma-se como um dos prováveis seleccionados olímpicos da Grã-Bretanha.

NOTA

DA SEMANA

Se as presentes circunstâncias se não modificarem para melhor é quase certo que os próximos Jogos Olímpicos de 1948, em lugar de constituírem belo e equilibrado cerlame atlético, como os precedentes, virão a ser uma triste festança de gente rica. Enquanto o problema alimentar das populações europeias, que sofreram a guerra, se mantiver em fase de aguda escassez, o concurso das nações será bastante aleatório e difícil. Há países, como a Áustria, a Checo-Eslóvaquia, a Grécia, etc., que permaneceram infra nutridos durante um período largo de tempo e ainda continuam depauperados. Evidentemente, o entusiasmo juvenil e o dinamismo dos dirigentes não logram substituir a falta de albuminas e gorduras, indispensáveis para a preparação atlética!

A própria Inglaterra vê-se embarçada com o problema dos seus desportistas. Neste momento debate-se a possibilidade de alistar a região dos prováveis representantes do Reino Unido, que desfilam no Estádio de *Wembley*.

De um modo geral, exceptuando os Países Escandinavos, a França, a Itália e a Suécia, raras noções da Europa (referimo-nos aos que atingiram determinado nível de progresso e eficiência...) podem nutrir esperanças de arrostar a invasão norte-americana em 1948.

Postos de lado a Alemanha e o Japão, veremos os Estados Unidos, a Rússia e os Nórdicos comer a parte leonina, deixando magras fatias episódicas aos restantes concorrentes.

Bem sabemos que até Julho do ano vindouro muito poderá suceder. Aguardemos que uma rajada de paz e prosperidade reúna os homens dispersos e que os Jogos Olímpicos sejam festival condigno de novas eras.

Até lá, porém, parece-nos prematura a celebração do certame, quando a recuperação dos países devastados está embriónica e a juventude sofre de fome.

Jogos Olímpicos? Triste festança de gente rica!

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Duas surpresas ocorreram no domingo último, durante o campeonato divisionário da Liga Inglesa de Futebol. Os dois clubes dianteiros da 1.ª e 3.ª Divisões, *Wolves* e *Doncaster*, sucumbiram, nitidamente batidos, pelos clubes caudalários: *Brentford* e *Halifax*. Os scores de 4-1 e 4-2 dispensam outros comentários, sendo de notar, apenas, que *Doncaster* só fora derrotado uma vez, em toda a época.

Preston North End, o segundo classificado da 1.ª Divisão, empatou com o *Charlton* (0-0) e foi o único dos primeiros clubes que se exibiu com acerto. *Manchester United* perdeu com o *Middles* (4-2) e o *Blackpool* cedeu perante o *Sunderland* (5-0) devido ao triunfal trabalho de *Jack Robinson*, marcador de quatro tentos.

Aston Villa dispôs do *Arsenal* por 2-0, mas o famoso grupo londrino desceu a terreno com alguns jogadores reservas. Como sempre, o guarda-redes, *Swindin*, evitou um resultado copioso em demasia.

A frente da classificação seguem

Wolves (37 pts) *Preston* (34), *Manchester U.* (31), *Middles* (31).

O *Charlton* continua em antepenúltimo lugar.

Na 2.ª Divisão, o *Manchester City*, agora na dianteira, ganhou dificilmente ao *Millwall* (1-0) quando havia só três minutos de jogo. O *Burnley* (que poderia chamar-se titular dos empafes, pois conta dez em vinte e cinco jogos...) empatou com *West Bromwich Albion* (1-1), cedendo o segundo lugar ao *Newcastle*, por via do balanço de golos lhes ser desfavorável.

West Ham deu uma tunda valente (5-0) ao *Chesterfield*, que segue vários pontos à frente deste clube, produzindo forte surpresa.

O *Cardiff City* segue a todo o vapor na frente da 3.ª Divisão (Zona Sul), embora o *Queens Park*, a 4 pontos por ter perdido com o *Reading* (1-0), possa tornar-se rival possível. *Bristol City*, empatando com *Exeter* (2-2), viu mais comprometidas as suas aspirações.

Na Zona Norte, *Doncaster*, *Rotherham United* e *Chester* lutam pelo primeiro posto, mas as probabilidades do primeiro parecem mais firmes e auspiciosas.

Lâmpadas

LUMIAR

A lâmpada portuguesa

MOTORES GERADORES E TRANSFORMADORES

ENAE

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA

Avenida 24 de Julho, 158

Telefone 6 2177 — LISBOA

ESSOLUBE



O óleo de reputação mundial

Exclusivo de H. VAULTIER & C.^A

Organização **EAGLOIL**

JUNIORES DA A. F. L.

Foi de tranquilidade para os favoritos

a última jornada da prova

A nona jornada do 11.º Campeonato de Juniores da A. F. L. foi a que menos interesse despertou, não só porque todas as atenções dos adeptos do futebol se concentraram desde manhã cedo no encontro Portugal-Espanha, mas também porque a segunda «ronda» da segunda volta não comportava qualquer desafio de difícil prognóstico.

Mais pelo nome dos contendores, do que propriamente pela influência que o resultado viesse a ter nas aspirações dos clubes, foi ainda a luta entre o Benfica B e os Belenenses A a de que maior expectativa se revestia. Nos restantes nove desafios não se apresentava tarefa difícil de discernir os vencedores.

Mes, sobretudo, o que mais directamente contribua para esta jornada de tranquilidade foi a circunstância dos favoritos das séries não estarem em perigo. Assim aconteceu.

Começamos, como é natural, por passar em revista a actuação das equipas que na 1.ª série estiveram em acção.

Na Amadora, o empate entre o clube local e o Tarajense é, sem dúvida, a mais lisonjeira para os visitantes. E' crível que o Es-

trela Amadora tivesse encarado a luta com excessiva confiança — uma «coisa» que já vai sendo indesculpável.

Mas como equipa que tem evidenciado maior capacidade, o empate consentido é de loavar... para os «tarajenses».

Em Sintra, a equipa local não pôde resistir ao Palmense, que vai optimamente «embalado» para a conquista do segundo lugar. Uma diferença de cinco tentos é concludente.

Falemos da 2.ª série. Os dois clubes que têm à vista o primeiro lugar da classificação deste agrupamento saíram-se airosoamente da tarefa que lhes esteve reservada. Aos «orientais», no campo do adversário, bastou-lhes uma primeira parte de vantagem nítida para firmarem claramente a sua superioridade técnica. Depois do intervalo descansaram um pouco... certamente porque não eram precisos maiores esforços.

O Benfica A dispôs dos avançados que nesta jornada se mostraram mais realizadores. Nem a circunstância do Arroios ter feito o primeiro ponto do desafio atemorizou os visitantes, que, no entanto, tardaram em dominar.

Na 3.ª série só houve um ven-

Comentários

O problema do Estádio Nacional

A extraordinária expectativa despertada no público português pelo encontro de futebol com a Espanha, provocando uma vez mais, e com um volume nunca atingido, a procura de bilhetes muito superior à lotação do nosso Estádio Nacional, pôs de novo em evidência o problema da sua capacidade ante o número de candidatos a espectadores nos grandes acontecimentos desportivos.

Não chegam a 48.000 os lugares oficialmente contados no gradário do Jamor e foram, ao que consta, superiores a cem mil os pedidos recebidos na Federação para o jogo de domingo passado. Não podem, pois, restar dúvidas a ninguém sobre a necessidade de encontrar uma solução conciliatória para as aspirações dos entusiastas da bola, as quais actualmente se assemelham ao clássico paradoxo de meter o Rossio na Betesga.

Não podem contentar ninguém as decisões de recurso, como aquela — aliás aceitável para a emergência — de duplicar a capacidade dos sectores de cabeceira, transformando-os em lugar de pé. O estudo deve incidir sobre uma qualquer reforma de carácter definitivo e que, à primeira vista, se apresenta com duas possíveis orientações: primeira, a de fechar o Estádio, já apontada como tendo até vantagens de carácter propriamente desportivo; segunda, e não querendo modificar o enquadramento paisagístico do recinto, prolongar para cima, ao longo das encostas circundantes, os gradários existentes.

Conte-se com o empenho crescente da população e, também, com o desenvolvimento progressivo das nossas relações internacionais, em seguro ritmo crescente como resultado do prestígio que envolve, por todo o Mundo, o nome de Portugal. Todas as aspirações nos são permitidas, mas, para considerá-las, é indispensável ter previamente assegurado o cumprimento cabal das responsabilidades que provoquem, a primeira das quais será evidentemente a existência de um Estádio onde caibam os espectadores suficientes.

O desporto educador

A prática dos exercícios e jogos desportivos conquistou na actualidade o direito de ser admitida como factor pedagógico completo, desde que seja orientada sob preceitos rigorosos que a purifiquem de interferência parasitárias e lhe adicionem parcela de espiritualismo que justifique a sua missão educativa.

Este critério, que corresponde à maior vitória alcançada no campo da propaganda pelos apologistas do desporto, aparece já com frequência sancionado nos escritos e nas palavras de autorizadas individualidades, algumas vezes com relevo especial pelo significado que a sua posição social impõe às opiniões que emitem.

Para exemplo, são de ponderar estas frases do arcebispo de Arras, numa festa das Sociedades Desportivas Católicas: «Ao abordar a prática desportiva, procurem em primeiro lugar o conhecimento exacto do que fazem e qual a importância que lhe deve ser atribuída na nossa estimo. Não seréis daqueles que cultivam o desporto exclusivamente pelo desporto e pela satisfação de triunfar sobre o adversário ou colher aplausos do publico. Melhor inspirados serão aqueles que consideram o desporto como meio de educação física. A força e a resistência do corpo, o equilíbrio e a regularidade das suas junções são elementos de êxito e de felicidade na vida. E', porém, indispensável considerar sempre que este corpo é um corpo humano, que esta vida é uma vida humana e que, portanto, o desporto e a educação física não têm nenhuma probabilidade de definir convenientemente seus limites e seus métodos, se não for em acordo com as necessidades da alma e as altas responsabilidades morais que constituem a honra e a dignidade dos homens. Resulta daqui que praticareis tanto melhor o desporto e com tanto maior proveito, quanto melhor souberdes o que é o homem e quais os compromissos ligados ao seu destino».

cedor: o G. D. da C. P. É de salientar este resultado, porque o Sacavenense, seu adversário, tem revelado melhores possibilidades.

Mas muito mais é de realçar o empate que o Mirantense impôs ao Oriental B... para mais no campo do adversário.

Não se marcaram «goals» e isto diz tudo quanto à pouca eficiência dos avançados. Os «orientais» demonstraram mais uma vez que dominar não é suficiente. E maior deve ter sido a sua arrelição quando souberam que os «encarnados» também empataram. É verdade que os dois clubes devem ter assegurado a sua pre-

sença na fase final do campeonato por intermédio das suas equipas A. Mas sempre é mais agradável ser o vencedor da série...

Na 4.ª série, a luta para o segundo lugar deve ter ficado arrastada no domingo, a favor do Atlético. Os alcantarenses, com a sua indiscutível vitória sobre o Paço de Arcos, distanciaram-se mais do Cascalheira, bem vencido pelo favorito da série, o Belenenses B, e do Cascais, que perdeu, um tanto inesperadamente, um ponto em frente dos estorillistas.

Diamantino Dias

Admirável defesa de Capela. A bola veio pelo ar, traiçoeira, mas o guarda de português evitou a intervenção de Cesar, ao lado de Amaro. Moreira também está de guarda...



Um aspecto do movimento, na batida, na manhã do jogo. Os lisboetas não estiveram só. De todos os pontos do país vieram entusiasmados



A disciplina do público, à espera de transporte. E tudo correu o melhor possível, no meio de sincera alegria e confiança



Perto da auto-estrada, em fila, os desportistas amigos do futebol esperam as camionetas. Dentro de pouco tempo — o Vale do Jamor



Este carro ia para o Estádio I E foi logo assaltado...